Dia 4 — Santo Ulrico, Bispo de Augsburgo

Ulrico, ou Udalrico (pois também assim se o nomeia), foi de uma das casas mais antigas e mais ilustres da Suábia e nasceu no ano de 893 , sendo seu pai o conde Hucbaldo e sua mãe Tierberga, filha de Burcardo, um dos primeiros duques da alta Alemanha.

Pela fraca e delicada compleição de Ulrico, creu-se a princípio que não poderia viver; mas o Senhor, que o tinha destinado para ser um dos mais santos prelados de seu século, contra toda esperança lhe concedeu uma saúde que se teve por milagrosa. A vivacidade, o desembaraço, a nobre ingenuidade, o agrado e o claro engenho que descobriu desde logo estimularam mais a seus pais a dar-lhe uma educação digna de seu ilustre nascimento. Pareceu-lhes que em nenhuma parte a poderia obter nem mais cristã nem mais cavalheiresca que no célebre mosteiro de São Galo, famoso então por quanto floresciam nele não menos as virtudes que as ciências.

Enviaram-no para lá aos sete anos de idade e, muito em breve, se distinguiu o menino Ulrico pelos progressos que fez nas letras humanas e na importante ciência da salvação. Enamorados os monges de seu belo natural, de sua inclinação à virtude e de sua aplicação ao estudo, amavam-no todos ternamente, desejosíssimos de adquirir aquele rico tesouro para o mosteiro. A isso mesmo se inclinava também o menino Ulrico, pois, ainda que o mundo o brindasse com tão grandes esperanças, nunca achou atrativo nem nas grandezas nem nas brilhaturas do mundo. Conhecendo bem suas injustiças e seus perigos, estava muito longe de resolver-se a servi-lo; nem a um coração tão grande como o seu o podia encher outra coisa que Deus. Agradava-lhe a vida monástica e naturalmente era de seu gosto a solidão; mas queria que a vocação e a eleição viessem unicamente do mesmo Senhor. Para conhecer sua vontade, fez muitas penitências e fervorosas orações, querendo, além disso, consultar o ponto com uma santa solitária, não distante do mosteiro de São Galo, chamada Viborada, não menos célebre por sua eminente santidade que pelos extraordinários favores com que o céu a favorecia. Havia-a já visitado algumas vezes o condezinho nos dias de recreio que se concediam aos seminaristas. Foi, pois, Ulrico procurar a santa virgem, irresoluto sobre o estado que havia de abraçar; e suplicou-lhe que encomendasse a Deus aquele negócio para que lhe desse a entender sua divina vontade. Ela impôs-se três dias de jejum e de oração, ao cabo dos quais lhe disse que, embora fosse muito perfeita a vida religiosa, Deus o chamava ao estado eclesiástico. Não foi preciso mais para tomar seu partido, não obstante quanto lhe custava arrancar-se de uma casa cheia de tão grandes exemplos, e não havendo tampouco monge que não sentisse vivamente a perda que faziam. Foi recíproca a dor; mas, uma vez descoberta a vontade do Senhor, não vacilou nosso santo nem um só momento e, voltando à casa de seus pais, declarou-lhes sua última resolução, bem como seus desejos de não perder tempo e de habilitar-se desde logo para servir com utilidade à santa Igreja. Jubiloso o conde, seu pai, de ver em seu filho tão virtuosas disposições, entregou-o a Adalberão, bispo de Augsburgo, o

qual, descobrindo logo as grandes prendas e o raro talento de Ulrico, não poupou meio algum para formar nele um eclesiástico perfeito; e, ainda que a esse tempo não contava mais que dezesseis anos, fê-lo logo camareiro; mas, vendo-o crescer cada dia em juízo, capacidade e prudência, proveu-o no primeiro canonicato que vagou em sua igreja.

Compreendeu desde logo nosso novo cônego todas as obrigações de seu estado e resolveu dar-lhes todo o cumprimento. Desde aquele ponto foi todo o seu emprego o estudo e a oração, repartindo suas rendas com os pobres, aos quais muitas vezes distribuía aquilo mesmo que se reservava para seu preciso sustento. Movido de sua natural piedade, determinou fazer uma viagem a Roma para beber na fonte do espírito apostólico. Foi recebido do papa com mostras de grande amor e estima, informado já de antemão de seu mérito e de sua eminente virtude. Tratou-o Sua Santidade, e cresceu tanto a estima e o conceito que, informado da morte de Adalberão, determinou conferir-lhe o bispado de Augsburgo.

Sobressaltou-se o santo quando ouviu da boca do papa semelhante proposição e escusou-se eficazmente, alegando sua insuficiência e sua pouca idade. Ao voltar a Augsburgo, achou que já se tinha feito a eleição em Hiltino e, livre do susto, só pensou no retiro e em santificar-se cada dia mais e mais, voltando a entabular dentro de sua casa os mesmos exercícios que havia praticado no mosteiro de São Galo; mas durou-lhe pouco esta quietude. Morto Hiltino no ano de 924, foi eleito Ulrico bispo de Augsburgo, apesar de toda a sua repugnância. Eram os tempos muito calamitosos; os húngaros e os esclavões faziam frequentes irrupções no país e assolavam tudo, tanto que pouco tempo antes haviam entrado na própria cidade de Augsburgo e posto fogo à catedral.

O primeiro cuidado do novo bispo foi edificar de pronto uma pequena igreja para reunir o povo, que estava muito necessitado de instrução, de consolo e de socorro naquelas públicas calamidades. Tudo o encontrou em Ulrico; sua caridade, seu zelo e suas profusas esmolas desterraram até da memória as passadas necessidades, e todos as consideravam suficientemente reparadas com a posse de tal pastor.

Persuadido o santo de que se devia todo a seu povo, tomou ocasião daquelas circunstâncias para conseguir que se o dispensasse de um costume introduzido então na Alemanha, de que os bispos residissem quase sempre na corte. Logrou que se lhe permitisse manter-se em Augsburgo para atender ao restabelecimento da disciplina, e conheceu-se muito depressa quanto pode fazer numa diocese dilatada um prelado santo. À vista do cuidado com que incessantemente velava sobre seu rebanho, do zelo com que distribuía o pão da divina palavra, de sua caridade e de seus exemplos, mudou de semblante todo o país. Não era conhecido por outro nome senão o do santo, e sua vida acreditava visivelmente que o era, sendo a repartição dela a seguinte:

Às três da manhã assistia regularmente ao coro com os cônegos para rezar matinas e laudes do ofício divino; depois rezava o saltério com as ladainhas e preces que se seguem a elas; pelo amanhecer cantava as vigílias do ofício de defuntos, isto é, matinas e laudes, a que nenhum dia faltava, como tampouco à prima, que cantava com os demais. Ficava em oração na igreja enquanto se fazia a procissão por fora; acabada esta, cantava a missa maior e fazia sua oferta com os demais; rezava depois tércia com os cônegos e, enquanto estes iam ao capítulo, segundo o costume, continuava a oração e visitava os altares. Preparava-se depois para dizer missa, a qual

celebrava todos os dias com tanta devoção que a comunicava a todos os assistentes; concluída a missa e a ação de graças, rezava noa e vésperas nos dias de jejum no coro e dali ordinariamente ia ao hospital, onde lavava os pés a doze pobres e dava a cada um uma esmola.

O resto do dia o dedicava às necessidades de seu povo. Assistia aos moribundos, consolava os aflitos, ajustava as diferenças e fazia bem a todos, dando todos mil bênçãos a Deus por lhes ter concedido tal bispo. Ao declinar a tarde, voltava a seu palácio, onde tomava uma sóbria refeição, durante a qual sempre se lhe lia algum livro espiritual. Cada dia comiam em sua mesa certo número de pobres e, acabada a refeição, assistia às completas.

Dava depois suas ordens para o governo da família e retirava-se a seu quarto, onde gastava grande parte da noite na oração e no estudo, concedendo ao sono muito pouco tempo.

Acompanhava esta vida tão exemplar e tão regrada com grandes penitências. Em nenhum tempo do ano comia carne, embora se servisse em sua mesa, tanto para os pobres como para outros convidados. Sua cama era um pouco de palha com duas mantas, sem coisa alguma de linho. Regrada sua família para edificação dos demais, dedicou-se a regrar o clero, trabalhando com infatigável aplicação em reformar os costumes de todo o bispado. Visitava-o regularmente todos os anos e cada ano celebrava dois sínodos. Custou-lhe pouco trabalho a reforma geral, facilitando-lha um zelo tão puro e tão ardente, sustentado de uma vida tão exemplar e tão santa; nem a licença dos costumes podia resistir à vigilância de um pastor tão poderoso em obras como em palavras. Proveu de excelentes curas as paróquias, obrigando a renunciá-las ou a emendar-se os viciosos ou os ignorantes; com cujas providências floresceu em Augsburgo e em todo o bispado tanto a pureza da fé como a dos costumes.

Tendo reconhecido, pelas incursões dos bárbaros, quanto prejudicavam os sustos, as inquietações e os sobressaltos aos exercícios de religião e devoção, pensou na segurança de suas ovelhas e não só cercou de muralhas a cidade de Augsburgo, mas levantou algumas fortalezas no campo, onde se pudessem refugiar as gentes do país; mas não bastaram estas precauções para que as tropas de Arnulfo, conde palatino, não surpreendessem e saqueassem a cidade na ausência do santo bispo, que havia passado à corte do imperador Otão para mover seu ânimo a que ajustasse a paz. Concedeu-a o imperador à Alemanha depois que Arnulfo foi morto diante de Ratisbona, tendo perdoado a seu filho Liutolfo a rogos de nosso santo; mas, apenas começava a sossegar e a consolar seu povo, quando um prodigioso exército de húngaros se lançou sobre a superior Germânia, inundando todo o país. Foi sitiada a cidade de Augsburgo; mas as orações de seu santo bispo puderam mais que os esforços dos sitiadores. Intimou orações e procissões públicas para aplacar a cólera do céu e para merecer sua proteção contra os inimigos da religião e do Estado; as quais foram tão eficazes que, dispondo-se os bárbaros para um segundo assalto ao tempo em que Ulrico estava celebrando o santo sacrifício da missa, de repente se apoderou deles tal terror que levantaram o sítio, puseram-se precipitadamente em fuga e, matando-se uns aos outros, pereceram quase todos; sendo opinião geral que se deveu às orações do santo pastor uma vitória tão inesperada.

Restituída a tranquilidade, dedicou-se Ulrico a reparar os danos que haviam feito os bárbaros e a reedificar a igreja de Santa Afra, célebre padroeira de Augsburgo, cujas santas relíquias teve a

consolação de achar debaixo de suas ruínas. Por sua devoção, fez segunda viagem a Roma, de onde trouxe as de São Abundo, com que enriqueceu a igreja que acabava de levantar, e naquela cúria mereceu, por sua eminente virtude, as extraordinárias honras que lhe tributou o clero romano e até o próprio papa. Em Ravena foi recebido com veneração pelo imperador Otão, e nas frequentes conversações que teve com a imperatriz imprimiu em sua alma aquelas grandes máximas de perfeição que a fizeram com o tempo uma das mais virtuosas princesas de seu século.

Voltando a Augsburgo, escolheu um coadjutor de toda a satisfação, em cujo zelo descarregou a administração de tudo o temporal, trabalhando ele unicamente para o bem espiritual da diocese, ao qual se aplicou com mais esmero que nunca, apesar de suas muitas enfermidades e de sua avançada idade. Como nunca se tinha dispensado da austeridade da vida monástica, quis também tomar o hábito de monge, e já havia resolvido retirar-se ao mosteiro de São Galo para acabar nele seus dias; mas não o permitiu o concílio de Ingelheim, celebrado no ano de 972 em presença do imperador Otão, ao qual assistiu nosso santo, temendo aqueles padres que outros muitos bispos quisessem imitar o exemplo de tão grande prelado, cuja santidade estava já publicamente reconhecida por uma multidão de milagres.

Acabaram de consumir-se as poucas forças que tinha com os exercícios de seu fervor e de seu zelo, sentindo tão seguros prenúncios de sua próxima morte que foi dispondo todas as suas coisas como se já se tivesse achado assaltado da última enfermidade. Enfim, ao amanhecer da sexta-feira, 4 de julho de 973, mandou que o deitassem sobre uma porção de cinza bendita estendida no chão em forma de cruz; despediu-se sossegadamente de todos os circunstantes, mandou que lhe lessem a recomendação da alma e, enquanto lha liam, expirou com admirável tranquilidade, aos oitenta anos de idade, cinquenta de seu bispado e depois de uma vida inocente.

Cresceu depois de sua morte a opinião de santidade que já era tão pública em vida, pelos muitos milagres que obrou Deus em sua sepultura, os quais moveram o papa João XV a mandar fazer exatas informações de sua vida e milagres, depois das quais o colocou solenemente no catálogo dos santos por uma bula publicada no concílio de Latrão no ano de 993; e crê-se ter sido a primeira canonização jurídica que se viu na Igreja, a qual não usava antes nelas tantas formalidades. Tirou-se então o santo corpo da primeira sepultura e foi colocado com solenidade numa capela edificada em sua honra dentro da igreja de Santa Afra, a qual começou desde aquele dia a ter a invocação de nosso santo.

São Laureano, Arcebispo de Sevilha

Entre os bispos célebres que floresceram na Igreja por sua eminente virtude e por seu zelo apostólico na defesa da fé católica contra a heresia ariana, é digno de memória eterna São Laureano, arcebispo de Sevilha. Nasceu este herói, verdadeiramente grande, na Panônia inferior, parte do reino da Hungria. Embora sua casa fosse uma das mais distintas do país, tinha a desgraça

de estar envolta entre os crassos erros do paganismo, no qual procuraram educar seus pais o menino; mas as primeiras luzes da razão que nele despertaram deram a entender facilmente que corria por especial conta de Deus a direção de seu espírito, deixando-se ver sensivelmente os influxos da graça no infante, que só teve de menino a inocência. Um parente seu católico, que contemplava repetidas vezes as celestiais prendas com que Deus havia dotado o jovem, prevenido com aquelas interiores luzes e sobrenaturais inspirações conducentes aos nobres desígnios para os quais o elegeu a divina Providência, quis dar-lhe a gostar os altos ditames da religião cristã; e nele achou uma fiel correspondência a suas salutares exortações e um assentimento total à doutrina do Evangelho. Desejoso de abraçar a profissão da verdade, deixou sua pátria, pais e parentes, por volta dos vinte anos, e foi a Milão, acompanhado de seu parente, com o objeto de instruir-se na fé, a qual florescia naquela grande metrópole, ilustrada por insignes mestres devidos ao infatigável zelo dos prelados da mesma igreja.

Achava-se a esse tempo por bispo de Milão Santo Eustórgio II, varão de grande mérito, a quem se apresentou Laureano e, informando-o do motivo de sua vinda, tomou ele a seu cargo instruí-lo nas infalíveis verdades de nossa santa fé. Admirado o catequista da capacidade do entendimento do catecúmeno, da superior luz de sua inteligência, de sua amável condição e sobretudo da interior fábrica que nele ia lavrando o Onipotente, administrou-lhe o sacramento do batismo e reengendrou na vida sobrenatural aquele homem novo, que no regramento de sua conduta mal teve que despojar-se do antigo.

Agradecido Laureano a este benefício, consagrou-se ao serviço de Deus inteiramente, pedindo ao Senhor de contínuo que não permitisse em sua alma sombra alguma que afeasse a divina semelhança nela estampada. Regrado nesta ideia, entregou-se à oração, e não omitiu mortificações nem exercícios de piedade que pudessem contribuir para a perfeição que desejava. Aplicou-se ao estudo das ciências e, como se achava dotado de um perspicaz e profundo entendimento, fez nelas maravilhosos progressos. Incorporado ao clero daquela igreja metropolitana, e persuadido Santo Eustórgio da utilidade que lhe resultaria de um ministro de tais prendas, ordenou-o de diácono aos vinte e cinco anos; em cujo ministério se deixou ver nosso santo com edificação comum, rígido na abstinência, frequente nos jejuns, observante das santas vigílias, contínuo na oração, liberal nas esmolas, solícito em cuidar dos pobres, modesto na conversação, pacífico em seus movimentos, singular na hospitalidade, esclarecido em todo estudo da milícia espiritual e zelosíssimo defensor da fé católica contra os hereges arianos, que com sacrílega impiedade procuravam manchar o mais sacrossanto dogma de nossa santa religião.

Quando Laureano vivia em Milão, respeitado e até venerado de todos pela inocência de sua vida e demais brilhantes prendas, dispôs Deus que fizesse trânsito à Espanha. Não nos dizem os escritores de seus feitos o motivo desta viagem, embora alguns opinem que foi o de fugir de Totila, rei dos ostrogodos na Itália, ariano de profissão; bem que outros discorram diferentes prováveis conjecturas: em cuja incerteza parece que nos devemos inclinar a que esta transmutação a ordenou a divina Providência para que se cumprissem os altos desígnios que tinha sobre sua pessoa. Dirigiu-se a Sevilha no tempo em que regia aquela cátedra Máximo, segundo uns escrevem; bem que outros, atendendo à época, opinam que era Salústio, varão esclarecido em ciência e santidade. Não tardou Laureano em dar-se a conhecer naquela capital pela inocência de sua vida, por seus louváveis costumes e por seu zelo verdadeiramente apostólico; por cujos

relevantes méritos foi promovido à dignidade de arquidiácono da mesma igreja, segundo testificam vários autores, dignidade condecorada naqueles séculos com a jurisdição ampla e outras prerrogativas que são notórias na disciplina eclesiástica. Colocado naquele alto emprego, foi o objeto da admiração e até da veneração pública a singular prudência, a suavidade do trato e a celestial doutrina de Laureano, não menos que sua pontualidade no cumprimento de todas as obrigações de seu cargo.

Ocorreu a morte do arcebispo de Sevilha pelos anos 520, segundo o mais arrazoado cálculo; e como os bispos sufragâneos, que, conforme o disposto pelos antigos cânones, deviam concorrer à metrópole, onde, examinados os votos do clero e inclinações dos cidadãos, elegessem por metropolitano o mais digno entre os presbíteros ou diáconos da mesma igreja, não se puderam juntar para este fim por causa dos maliciosos ardis de que se valeram os hereges arianos para impedi-lo, permaneceu vacante aquela cátedra cerca de dois anos, até o de 522, no qual, congregados e reconhecidas as qualidades daqueles que podiam ocupar a cadeira arquiepiscopal, foi preferido por universal consentimento Laureano, pela heroicidade de suas virtudes, pelo conhecido acerto que manifestou em seu emprego e especialmente por seu infatigável zelo pela religião católica, circunstância indispensável numa ocasião em que os hereges arianos faziam as mais fortes tentativas para que prevalecesse sua impiedade.

Apenas se colocou no eminente candeeiro da igreja de Sevilha a brilhante luz de nosso santo, acreditou com provas práticas o acerto da eleição. Seu desvelo sobre o rebanho cometido por Deus a seu cuidado considera-se com menos dificuldade do que pode explicar-se com palavras. Não satisfeito seu coração em prover sua grei com os salutares pastos da celestial doutrina e em atender como pai caritativo a toda classe de necessidades, perseguia os vícios com uma inteireza inflexível, ao passo que com uma doce suavidade excitava a praticar as virtudes; devendo-se a seu zelo sempre ativo a magnificência do culto divino e a reforma dos costumes, sendo tudo fruto de suas frequentes pregações, de suas sábias exortações, de seus conselhos e de suas apostólicas fadigas.

Penetrado do mais vivo pesar seu coração ao ver tão arraigada nos ânimos dos godos a heresia de Ário, aplicou todo o seu esforço a extinguir esta peste, que havia muitos anos infeccionava a nação com seu veneno. Com sua celestial doutrina e a realidade de seus exemplos, confirmada a verdade daquela com frequentes milagres, logrou que convencesse a admiração o que não convencia a razão cristã; embora muitos, fechando os olhos a tanta luz, permanecessem tanto mais culpáveis em seu engano quanto a obstinação era mais voluntária. Dezessete anos consumiu este exemplaríssimo pastor no perpétuo exercício de seu apostólico zelo, sem dar quase lugar à intermissão indispensável que exige o natural descanso, pelo que, ponderando o cardeal Barônio seu mérito, disse que no ardor da fé e liberdade de pregá-la excedeu Laureano a todos os católicos de seu século.

A uma virtude tão sobressalente não podia faltar a prova da tribulação, que acrisolasse mais e mais seus merecimentos. Morreu Alarico, rei da Espanha, no ano de 507, na batalha com Clóvis, da França, e recaiu a coroa em seu filho Amalarico, na menoridade; pelo que seu avô Teodorico, que reinava na Itália, tomou a seu cargo os ofícios de tutor e deu a conhecer os de monarca nos domínios da Espanha. Nomeou por aio de Amalarico e substituiu por si na administração do reino a

Teudes, Teuda, Teudo ou Teudio, com cujos nomes o chamam os escritores, varão sagaz que, valendo-se de meios injustos, chegou por fim a ocupar o trono no ano de 531. Nos princípios de seu reinado, mais atento aos interesses de sua ambição que a sua seita, experimentaram-no os hereges arianos pouco ou nada favorável; e assim ofereceu uma paz à Igreja capaz de que pudessem os católicos exercer livremente suas funções. Mas apenas se assegurou no sólio, achou em seu peito, ou em sua dissimulação, permissão ao orgulho dos arianos, em termos que se introduziu em Sevilha e em todo o seu arcebispado tal iniquidade que em breve se levantou uma terrível tempestade. Era o ânimo dos hereges dar fim à vida do santo pastor, a quem olhavam como ao inimigo mais temível. Com efeito, inclinado Teudes a isso mesmo, em força da calúnia que levantaram os sectários contra a inocente conduta de Laureano, cujo ardente zelo pela defesa da fé católica ofendia o ânimo de um príncipe professor da impiedade, excitou-se contra ele uma sedição furiosa, que ameaçava consequências funestíssimas.

Nesta situação lamentável, estando Laureano num domingo antes de romper a alva, entre sono e vigília, apareceu-lhe um formoso jovem (que se crê fosse um anjo), adornado com vestiduras brancas; e, chamando-o em tom suave três vezes por seu nome, disse-lhe: «Levanta-te e retira-te dessa plebe maligna, que não merece gozar de tua presença nem ser defendida com teus rogos: não dilates a fuga; acelera o passo, que eu hei de guiar-te. E sabe que na tua ausência ficará reduzida a suma desventura esta cidade: afligi-la-á a fome, infestá-la-á a peste, e por espaço de sete anos lhe negará Deus o benefício das chuvas, até que, honrada com tuas relíquias, sua misericórdia a visite e converta a penitência os ânimos de seus moradores.»

Em seguida a tão funesto aviso, passou Laureano ao templo, celebrou o santo sacrifício da missa e, num sermão que fez ao povo com seu costumado zelo até a hora de tércia, manifestou-lhe, desfeito em lágrimas, os terríveis castigos que ameaçavam Sevilha. Concluído este ato, correu pelas ruas da cidade, com o báculo na mão, o triste pastor, pregando penitência, como outro Jonas aos de Nínive, valendo-se das armas de novo pranto e novos suspiros para vencer os corações rebeldes e movê-los ao arrependimento de suas culpas. Despediu-se do povo com estes tristes aparatos, saiu de Sevilha já posto o sol, acompanhado do mesmo jovem que lhe ordenou a fuga, e dirigiu sua marcha para Roma. Foi seu caminho um itinerário de prodígios, memoráveis entre outros a vista que deu a um cego e a ressurreição de um defunto, os quais levaram a fama de sua santidade por todas as partes.

Chegou Laureano à capital do orbe cristão quando ocupava a cátedra de São Pedro Virgílio, único deste nome, o qual, informado de sua vinda e do motivo, tratou-o com a honra correspondente a sua dignidade e com o amor de que era digna sua pessoa. Serviu de muito consolo ao papa um varão de virtude tão conhecida, num tempo em que combatiam seu angustiado coração, por uma parte, as invasões dos godos na Itália, e, por outra, as inquietações da Igreja no Oriente, acrescentando seus temores não menos a fácil condição de Justiniano que a presunçosa audácia de Teodora Augusta, cujos desígnios se converteram de favoráveis em contrários ao sumo pontífice desde que se opôs o santo aos meios injustos de que se valeu a imperatriz. Quis Virgílio, para dar a Laureano provas de sua estima, que celebrasse de pontifical na Basílica de São Pedro, na festividade de sua cátedra em Roma. Fê-lo Laureano, obediente às insinuações do vigário de Jesus Cristo; e, reparando ao sair do templo, acompanhado de muitos bispos e outras pessoas do clero e da primeira nobreza, na porta do Vaticano um pobre ancião aleijado de pés e mãos, que, aceso em

viva fé, lhe pedia que o curasse, não menos movido de compaixão que de confusão ao ouvir que o julgava com tanta virtude que pudesse dispensar-lhe aquele benefício, como seu coração era não menos magnífico que caritativo, antepôs aos respeitos de sua humildade a causa do doente.

Quis o santo usar do arbítrio de que toda a comitiva voltasse a entrar na Basílica a orar, para que o príncipe dos apóstolos se dignasse repetir com aquele enfermo igual prodígio ao que executou em vida com outro de sua classe na porta do templo de Jerusalém, a fim de atribuir a São Pedro a glória daquela ação; mas Deus não quis passar por este disfarce, pois, dando à virtude de seu servo o crédito de que se escusava, apenas disse ao entrevado: «Faze que os que te trazem te ponham diante dos umbrais de São Pedro, que por seus méritos conseguirás a saúde», e a conseguiu perfeitamente.

Persuadiu-o Virgílio a que se detivesse em Roma, conhecendo os vantajosos frutos que resultariam àquela vinha com tão admirável obreiro; condescendeu o santo com a ordem do vigário de Jesus Cristo. Estando em oração em certa ocasião, comunicando com Deus seus afetos, apareceu-lhe o mesmo jovem, perpétuo e fiel companheiro, e falou-lhe nos termos seguintes: «Eia, Laureano, tem bom ânimo, pois se aproxima o glorioso fim de tuas fadigas, o logro de teus desejos e o prêmio de teus méritos. Caminha para a França, onde é vontade do Altíssimo que em Tours visites o corpo do grande confessor São Martinho; faze ali oração, prepara-te para o martírio e parte logo para receber a palma no território de Bourges, em cujos espaçosos desertos está a aldeia chamada Vatan: seu campo é o teatro que destina Deus à maior de tuas vitórias. Por todas as partes te buscam por ordem do rei, e é vontade de Deus dar-lhes permissão de lavrar-te a coroa do martírio. A Sevilha será levada tua cabeça, onde, num templo consagrado ao Altíssimo em honra tua, será colocada e venerada: assim terá a profecia cumprimento; aplacará Deus sua ira, olhará aquela cidade com clemência e a favorecerá com chuvas e frutos. Comporta-te, Laureano, como varão forte, que é muito grande o prêmio que te espera.»

Recebeu Laureano com inexplicável gozo tão alegre nova, como término de suas fadigas e serenidade de suas angústias, olhando já perto a glória de testificar a fé com o sangue de suas veias, e considerando que se aproximava a felicidade de Sevilha. Aceso seu coração em semelhantes afetos, e não menos impelido deles, saiu de Roma para a França; e embora os escritores passem em silêncio os acontecimentos desta viagem, parece crível que se derramaria por todas as partes o bom odor de sua virtude, de modo que pudessem entender os agressores que o buscavam por várias províncias sua chegada àquele reino. Chegou a Tours e, tendo visitado o sepulcro de São Martinho e implorado naquele santuário a divina assistência, novamente aceso em vivíssimos desejos de lograr quanto antes a ventura que desejava, partiu para o território de Bourges, antiquíssima metrópole da Aquitânia, hoje capital do Berry, da qual dista sete léguas para o ocidente o lugar de Vastino ou Vatan, curta povoação então, em cujos desertos se lhe havia revelado que conseguiria a coroa do martírio. Com efeito, apenas caminhou meia légua, quando, acometido dos que haviam de empregar em sua inocente vida sua desumana crueldade, separaram com um terrível golpe a cabeça de seus ombros, conseguindo ele por este meio a coroa apetecida no dia 4 de julho do ano 546.

Logo que executaram os homicidas o atentado, invadiu-os um repentino terror que os pôs em precipitada fuga; mas, pondo-se em pé o venerável cadáver, levando nas mãos sua cabeça e

seguindo-os, disse-lhes: «Esperai, tomai esta cabeça; entregai-a àquele que vos enviou por ela, para que a levem a Sevilha.» Absortos os agressores com tão estupenda maravilha, convertendo em reverência o horror e em viva fé sua perfídia, prostrados ante o santo, receberam a preciosa joia e enterraram o corpo numa cova, até onde havia caminhado seguindo-os.

Alguns autores escrevem que foi Totila o rei que deu a ordem aos ministros para que levassem a Sevilha a cabeça do santo, supondo-o rei da Espanha; mas, não tendo havido no reino soberano deste nome, crê-se com gravíssimo fundamento, atendendo à época do sucesso, que foi Teudes, a esse tempo reinante na Espanha, que despachou por todas as províncias pesquisadores de Laureano, a fim de que lhe dessem morte. Bem que pôde valer-se de Totila, rei da Itália, sabendo que nela morava Laureano, para que auxiliasse suas intenções, o que me parece pôde dar motivo a semelhante equívoco de atribuir a Totila o execrável feito.

Partiram os agressores com a cabeça do ínclito mártir e, ao entrar nos domínios da Espanha, começou a experimentar-se a beneficência do céu, saciando universalmente com chuvas abundantíssimas a escassez que tantos anos padecia a terra. Soube Teudes este e outros prodígios que se dignou o Senhor obrar pela intercessão de seu fiel servo e, arrependido de seu delito, saiu a receber, a pé descalço, o precioso tesouro, depostas as insígnias reais, vestido de cilício e polvilhada de cinza a cabeça, querendo que o acompanhassem naquele ato de reverência muitos bispos, sacerdotes e próceres do reino. Recebeu Sevilha a preciosa relíquia de seu santo bispo com universal aplauso, cessaram todas as suas pragas, purificaram-se os ares, fecundaram-se os campos e voltaram a ver os habitantes do país os benignos influxos daquele apreciável clima.

Não quis Deus que só a Espanha gozasse das relíquias do insigne mártir. Aos três dias de sua morte, estando em oração o bispo de Arles no sepulcro de São Cesário (e alguns dizem que foi Santo Eusébio, e outros, com mais fundamento, creem que foi Santo Aureliano), avisou-o um anjo para que passasse ao território de Bourges e desse sepultura ao corpo de Laureano, que acharia perto da vila de Vatan, numa cova daquele deserto. Partiu sem demora o prelado de Arles ao indicado sítio e, tendo encontrado o cadáver, executou seu funeral e edificou sobre seu corpo uma capela em honra do príncipe dos apóstolos, cujo título se transmutou com o tempo no de São Laureano, em virtude dos muitos prodígios que o Senhor se dignou obrar por sua intercessão; e até se erigiu depois em paróquia. Não foi tolerável aos vizinhos de Vatan que o santuário onde se veneravam as relíquias do santo estivesse retirado do povoado, defraudando a distância seu culto e maior consolo aos naturais. Movidos deste zelo, ergueram-lhe templo na mesma vila, ao qual trasladaram seu venerável corpo, havido em grande veneração, até que, invadindo os huguenotes o território de Bourges, roubaram e destruíram os templos, ultrajaram as santas imagens, profanaram os sepulcros e reduziram a cinza as relíquias que se veneravam neles. Também foi matéria do enorme sacrilégio o corpo de São Laureano; pois, não contentes os ímpios violadores com arruinar seu templo e roubar suas alfaias, entregaram-no às chamas. Mas, tendo disposto a divina Providência que se livrasse do incêndio um osso, que se diz ser do braço, achado com universal consolo dos vizinhos de Vatan, colocaram-no em lugar decente, até que, no ano de 1100, reedificando o templo destruído em forma mais augusta que a antiga, o depositaram nele, onde a 4 de julho, dia de seu martírio, se celebra sua festividade solenissimamente.

A cabeça do santo não há dúvida que se conservou em Sevilha em grande veneração e apreço até a irrupção dos árabes, de cujas bárbaras mãos a preservou o Senhor, como o declarou o sínodo diocesano daquela metrópole, celebrado no ano de 1604, por estas palavras: «A qual cabeça temos entre as relíquias de nossa santa igreja, onde se tem continuado seu culto com toda a magnificência, dignando-se Deus obrar repetidos prodígios pela intercessão de seu servo.»

Martirológio Romano

Em Lisboa, Santa Isabel, viúva, rainha de Portugal, que, ilustre por suas virtudes e milagres, foi posta no número dos santos pelo papa Urbano VIII.

No mesmo dia, os santos Oseias e Ageu, profetas.

Na África, a festa de São Imondiano, mártir, lançado ao mar por confessar a Jesus Cristo.

Na Espanha, São Laureano, bispo e mártir, cuja cabeça foi levada a Sevilha.

Em Sírmio, São Inocente e Santa Sebástia, mártires, com outros trinta.

Em Nadaura, na África, São Nanfanião, bispo, que, na perseguição de Diocleciano, sob o presidente Digniano, foi dilacerado com chumbadas, arrancaram-lhe a língua e morreu por último em paz como confessor de Jesus Cristo.

No mesmo dia, a festa de São Flaviano, segundo bispo de Antioquia, e de São Elias, bispo de Jerusalém, que, desterrados pelo imperador Anastásio em razão de sua adesão ao concílio de Calcedônia, entregaram a alma a Deus, mantendo-se nos mesmos sentimentos.

Em Augsburgo, na Suábia, Santo Ulrico, bispo, admirado por sua abstinência, liberalidade e vigilância; foi ilustre pelo dom de milagres.

Em Tours, a trasladação de São Martinho, bispo e confessor, e a dedicação da igreja de seu nome, no mesmo dia em que o santo havia sido consagrado bispo, alguns anos antes.

Em Grisselles, perto de Molesme, diocese de Langres, São Valentim, confessor, no tempo de Childeberto.

Em Blangy, em Ternois, junto a Hesdin, Santa Berta, viúva, fundadora daquele mosteiro.

Em Lyon, na França, o venerável Aureliano, bispo da mesma cidade, fundador de São Bento de Seissieu, no país de Bugey.

Em Toulouse, São Raimundo, confessor, que, morta sua mulher, tomou o hábito de cônego regular em Saint-Sernin e fundou um colégio para treze clérigos pobres. Em Placência, o martírio de Santo Antonino.

No mesmo dia, Santo André de Creta, bispo, célebre por seus escritos.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Ulrici, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat, et salutem. Per Dominum nostrum.*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, por ocasião da venerável solenidade do bem-aventurado Ulrico, vosso confessor e pontífice, se aumentem em nós a virtude e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse

incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Esta epístola é um compêndio, ou uma coleção, dos elogios que o Espírito Santo fez do sumo sacerdote Aarão no livro sagrado intitulado o Eclesiástico. A Igreja tomou de muitos lugares dos capítulos 44 e 45 deste livro tudo o que se contém nesta epístola; e toda ela inclui e encerra em si um completo elogio do sumo sacerdote, que a mesma Igreja aplica aos santos confessores e pontífices da lei nova.»

Reflexões

Este é o grande sacerdote que agradou a Deus durante sua vida; e, falando em rigor, só foi grande porque agradou a Deus. Agradar a Deus é o fundamento da verdadeira grandeza; assim como a maior de todas as desditas é desagradar-lhe, incorrer em sua indignação e viver em sua desgraça. Mas que pouca força faz esta grande verdade a muitos homens do mundo! Este é um dos primeiros princípios da religião; mas que importa? Nem se pensa nele, nem se faz caso de desagradar ao Senhor. A menor suspeita, o menor receio de estar em desgraça do príncipe tira a paz e o sossego, altera o repouso, enche de amargura e causa mortais inquietações aos felizes do século. Faz o mesmo efeito em nossos ânimos o pensamento de estar em desgraça de Deus? Tira-nos o sono? Interrompe-nos a alegria? Causa sequer alguma amargura na alma? Falemos claro: não é preciso mais para conhecer, para palpar a irreligião de nosso século. Nele se pode dizer com o Profeta que os homens bebem a maldade como a água e que o pecado está como familiarizado com a consciência dos cristãos. «Pequei, é assim — dizem com o ímpio de quem fala a Escritura —, pequei; e que mal me aconteceu?» Vive-se na inimizade de Deus; mas por isso nem se vive com menos contentamento nem com menos tranquilidade. Por mais que os espetáculos sejam contrários à religião; por mais que as concorrências mundanas sufoquem a virtude; por mais que as diversões perigosas sejam incompatíveis com a inocência, não importa; o concurso atropelado sempre se achará nos espetáculos, e as diversões perigosas hão de ser de todos os tempos e de todas as estações. Até no santuário entra o vício, digamo-lo assim, com a vara levantada; já não respeita a estado algum a licença dos costumes; inunda e triunfa a iniquidade em todas as idades; e depois queixamo-nos de que se derrame um dilúvio de calamidades por todo o universo. Efeitos necessários são de nossas desordens esses açoites tão universais que nos castigam e nos abatem. Com que facilidade e com que segurança se violam as mais sacrossantas leis! Os mandamentos mais essenciais, as mais respeitáveis regras! E isto ao mesmo tempo que somos tão delicados em tudo o que toca a nossa honra, a nosso interesse e a nossa reputação. A mais leve ofensa, o mais mínimo desprezo nos excita a cólera, e no mesmo instante gritamos: que injustiça! que vileza! que ingratidão! alvoroçando o mundo até que se nos dê satisfação. Só à ofensa de Deus nos mostramos em todo o tempo indiferentes e insensíveis; de maneira que, no que toca a nossa quietude e no respectivo a nós, parece que o mesmo se nos dá agradar-lhe que ofendê-lo. Bom

Deus, e quanta necessidade há de um juízo final à vista desta conduta! Que bem justifica este proceder os terríveis açoites que afligem hoje toda a terra!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Do apreço e veneração que devemos ter pelos santos costumes da Igreja

Primeiro ponto

Considera que, por aqueles diversos talentos do Evangelho, não se entendem unicamente aqueles dons particulares que o Senhor distribui tão liberalmente a seus servos; podem-se também entender os devotos costumes e santos usos da religião, os quais são também fontes de graças para os que sabem aproveitar-se deles, praticando-os com aquelas disposições que nos pede o espírito da Igreja, que é o mesmo Espírito Santo. Tais são as bênçãos do Santíssimo, salves, procissões, saudação angélica, água benta e muitas outras cerimônias e sagrados ritos da Igreja católica, todos antigos, todos santos e todos instituídos para enriquecer os fiéis com as bênçãos do céu. Ó bom Deus, e que de tesouros espirituais nos faz perder nossa pouca religião! Reflitamos bem as orações que diz a Igreja na bênção da água, e por elas conheceremos a virtude da água benta.

Dá princípio pela bênção do sal com esta oração: «Eu te exorcizo, isto é, eu te abençoo, criatura do sal, pelo Deus vivo, pelo Deus verdadeiro, pelo Deus santo, por aquele Deus que mandou ao profeta Eliseu que ordenasse que te lançassem na água para torná-la saudável e fecunda, a fim de que por este exorcismo possas contribuir para a salvação dos fiéis, e todos os que te usem recebam a saúde do corpo e da alma, e para que o lugar onde te derramarem seja livre de toda ilusão, malícia, artifício e surpresa do demônio; e todo espírito imundo seja expulso dele, conjurando-o aquele que há de vir a julgar os vivos e os mortos e todo o mundo pelo fogo.

«Todo-poderoso e sempiterno Deus (prossegue o sacerdote), suplicamos muito humildemente a vossa infinita clemência que vos digneis, por vossa bondade, abençoar e santificar esta criatura do sal, que concedestes para seu uso a todo o gênero humano, a fim de que sirva aos que se valham dela para a salvação de sua alma e de seu corpo, e que tudo o que for tocado ou aspergido com ela seja preservado de toda mancha e de todos os ataques dos malignos espíritos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo Deus, vive e reina convosco na unidade do mesmo Espírito Santo.

«Eu te exorcizo, criatura da água, em nome de Deus Pai todo-poderoso e de nosso Senhor Jesus Cristo, seu Filho, e em virtude do Espírito Santo, a fim de que por este exorcismo ajudes a expulsar e dissipar todas as forças do inimigo e a exterminá-lo a ele mesmo com seus anjos rebeldes, pelo poder do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor, que há de vir a julgar os vivos e os mortos e o século pelo fogo.

«Ó Deus, que quisestes valer-vos da substância das águas para os maiores sacramentos que instituístes para a salvação do gênero humano, ouvi favoravelmente nossas humildes súplicas e derramai a virtude de vossa bênção sobre este elemento, preparado com várias purificações; a fim de que, servindo a vossos mistérios vossa criatura, receba o efeito de vossa divina graça para expulsar os demônios e as enfermidades; e que tudo o que for aspergido com esta água, seja nas

habitações, seja nos demais lugares dos fiéis, seja preservado de toda impureza e de todo mal; que não haja ali nem espírito pestilente nem ar corrompido; que seja livre das ciladas secretas do inimigo; e, se há algo que possa danar a saúde ou a quietude dos que habitam nelas, seja arrojado para longe dali por virtude desta água; e, enfim, que pela invocação de vosso santo nome possamos conseguir a prosperidade que desejamos, isenta de todo gênero de ataques. Por nosso Senhor Jesus Cristo, etc.»

Depois destas orações, o sacerdote lança o sal na água em forma de cruz, dizendo: «Faça-se esta mistura de sal e de água em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Assim seja.» E conclui com a seguinte oração:

«Ó Deus, autor de um invencível poder, rei de um império imutável, que sempre triunfas gloriosamente, que dissipas as forças do partido contrário, que abates o furor do rugiente inimigo e domas poderosamente a malícia de teus adversários; suplicamos-te com profundo respeito que te dignes olhar com olhos benignos esta criatura do sal e da água, derramando nela a virtude de tua graça; e santificando-a com a efusão de tua divina bondade, para que todos os lugares que forem aspergidos com ela sejam preservados, pela invocação de teu santo nome, dos fantasmas do espírito impuro, sem que haja que temer serpente venenosa; antes, implorando tua misericórdia em todos os lugares, estejamos assistidos da presença do Espírito Santo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, etc.» Que virtude não terá este preciosíssimo antídoto! E com que espírito de religião deveremos usar da água benta!

Segundo ponto

Considera quanto mal fazemos em não nos aproveitarmos de um auxílio tão fácil, seja por ignorância, seja por indolência, seja por falta de fé. A perda não é indiferente para nós; todo o inferno teme a virtude desta água; e, se tivéssemos uma fé viva e um fundo de religião menos limitado, cada dia experimentaríamos muitos auxílios com a água benta; mas não parece possível ter menos fé nela do que temos, nem usá-la menos do que hoje a usamos.

Tudo é laços no mundo, tudo é perigos; os inimigos de nossa salvação, poderosos e em grande número; mas porventura nos faltam armas ou socorros? Não por certo; mas não nos dignamos aproveitar-nos deles. Pois de que nos admiramos se somos feridos, se somos derrubados, se se veem tão funestas quedas? Hoje só o ínfimo povo se vale destes meios; e assim se vê que, por via de regra, só nele reinam a inocência e a devoção. As pessoas distintas por seu nascimento ou por sua fortuna usam pouco destas devotas armas. Um cavalheiro, uma dama julgariam rebaixar sua qualidade se, ao entrar na igreja, metessem a mão na pia da água benta; é devoção muito baixa e muito popular para pessoas de tanto respeito; é preciso estender-lha, é preciso apresentar-lha; e ainda assim a recebem, não como ato de religião, mas de atenção, de urbanidade e talvez de cortejo inteiramente profano. E a isto se reduz quase tudo o que ficou de piedade nos que se chamam gentes do mundo.

Meu Deus, muito tenho de que emendar-me no uso deste e de outros santos exercícios de religião! Dignai-vos acompanhar este conhecimento que me dais e estas reflexões com que me favoreceis, de uma poderosa graça, para que chore o muito que perdi até aqui e para que daqui em diante repare esta perda, usando dignamente de todos os atos de piedade o resto de meus dias.

Jaculatórias

> *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.* Sl 118.

Não, Senhor, jamais serei confundido, contanto que não despreze coisa alguma de quantas a santa Igreja tem estabelecidas e ordenadas.

> *Justificationes tuas custodiam, non me derelinquas usquequaque.* Sl 118.

Observarei, Senhor, e praticarei religiosamente os piedosos costumes da Igreja, esperando que nunca me desampareis.

Propósitos

1. O uso da água benta é sem dúvida de tradição apostólica, como a bênção da água e do sal com que se faz o asperges ao povo, sendo o fim desta cerimônia que, pela virtude que comunicam à água benta as orações da Igreja, não tenha poder o espírito maligno sobre as pessoas nem as coisas que ela tocar. O motivo por que se faz a mistura de sal e água benta é ser o sal símbolo da prudência e da sabedoria, como a água o é do candor e da pureza. Faz também a santa Igreja esta misteriosa mistura para que os que forem lavados ou aspergidos com aquela água, sendo purificados pelo Espírito Santo, experimentem em si o candor e a simplicidade das pombas, com a prudência das serpentes. Fez-se em todos os tempos esta bênção da água nos domingos, para que a levassem a suas casas os fiéis que naquele dia concorrem à igreja; e coloca-se a pia da água benta à entrada de todas as igrejas, para que ao entrar nelas a tomem os mesmos fiéis, pedindo a Deus que se digne purificá-los, a fim de que suas orações sejam mais puras e mais eficazes. Este santo costume é da maior antiguidade, como se reconhece pelo livro das constituições apostólicas. Faz-se o asperges sobre o altar antes da missa maior, para pedir a Deus que os demônios não se aproximem dele para turbar com infernais sugestões os ministros do Senhor. Aspergem-se com água benta os cadáveres, as sepulturas e os cemitérios, para conseguir do Senhor que, em virtude das orações com que se benzeu aquela água, se digne purificar quanto antes as almas dos fiéis defuntos que descansam em paz, concedendo-lhes o alívio das penas que padecem e antecipando-

lhes o gozo e a posse da glória.

2. Guarda-te bem daquela irreligiosa delicadeza com que muitas pessoas indevotas se escusam de tomar água benta ao entrar e sair da igreja. Tem sempre em teu quarto uma pia de água benta, não já para ostentação ou para adorno, mas para usar devotamente dela; e nunca deixes de tomá-la ao levantar-te, ao deitar-te e ao princípio de tuas devoções e de tuas tarefas. É um santo e proveitoso costume o tomá-la também quando se levanta alguma tempestade, quando troveja e quando se sente alguma tentação. Igualmente é de grande importância aspergir com ela a cama antes de deitar-se, lançá-la aos enfermos, aos moribundos e, geralmente, aspergir os lugares onde se teme a assistência dos espíritos malignos ou algum ar corrupto e pestilente. Acostuma-te a tomá-la também ao entrar e sair de teu quarto. Livrar-nos-íamos de mil desgraçados acidentes que sucedem, se usássemos mais destes poderosos auxílios; mas é preciso fazê-lo como se deve para que seja com fruto. Para isso hás de tomar sempre a água benta com espírito de fé e de compunção; de fé, por ser esta a condição indispensável que exige o Salvador em todos os que lhe pedem algum favor especial; de compunção, porque, para conseguir purificar-nos das faltas leves por virtude da água benta, é preciso detestá-las com dor. Não há coisa mais salutar que estes piedosos exercícios, e assim faze sempre deles grande apreço.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:55 by Admin